Ano VI — Lisboa, Março de 1950 — N.º 59

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A COOPERAÇÃO, CAMINHO DO ÊXITO

A Cooperação é um dos maiores privilégios do Homem, sistema de trabalho que possibilita os grandes milagres do esforço, que realiza as grandes obras, que ergue os monumentos que assinalam através da história a pujança do espírito humano. A Cooperação é de inspiração divina, sem ela a vida em sociedade seria impraticável. Por isso Deus dotou o homem de dons, aptidões e faculdades diferentes e, nessa diversidade, só a Cooperação é capaz de exercer um admirável poder de síntese.

A Cooperação é chave do sucesso. Nas grandes e nas pequenas iniciativas, nas maiores e nas menores obras, na guerra e na paz, é ela o único caminho que conduz à vitória. Soubessem os homens colaborar, pudessem as nações cooperar entre si, tivesse a Humanidade cultivado as virtudes e os sentimentos essenciais para trabalhar e viver em comum, e todos os problemas que agitam os povos estariam solucionados.

A Cooperação é — sem dúvida — arma poderosa capaz de pulverizar todas as barreiras que separam os homens; ela é vértice de um ângulo, cujos lados são Lealdade e Perseverança. Se a tal ângulo tirarmos uma bissetriz encontraremos Harmonia. A Harmonia dá o ambiente essencial à colaboração.

A Cooperação pressupõe Confiança, Tolerância, Amizade, Esforço e Fé. Se cooperar é operar em conjunto, de mãos dadas, lado a lado, com os olhos postos nos olhos do companheiro, ela só poderá agir num ambiente de Boa-Vontade onde existam as virtudes enumeradas, onde o interesse da Obra a realizar seja colocado acima de mesquinhas ambições pessoais ou ridículas vaidades de cargo ou posição, onde cada um coloque ao serviço do Ideal os seus dons pessoais, sem querer ir além das suas aptidões ou ficar aquém das suas capacidades.

* * *

O Escotismo Português — queremos referir-nos aos Escoteiros de Portugal — atingiu uma lamentável crise, tendo chegado a um ponto crítico, onde o pouco que se faz é desligado de qualquer plano, agindo cada um segundo os seus ditames pessoais, embora no esforço louvável, especialmente no que se refere aos Grupos, de realizar algum trabalho. Não merece a pena carregar a situação de cores sinistras, nem interessa indagar a quem cabem as culpas de tão desastrosa posição. Importa antes reconhecê-la e reconhecer a necessidade de uma solução imediata.

O problema não admite mais medidas moratórias e urge encará-lo com clarividência, acerto e bom sentido, visto que está em jogo o próprio prestígio do Escotismo Português e não «destes» ou «daqueles» que, porventura, possam ter sido ou sejam os responsáveis da situação a que se chegou. O facto que importa considerar é que estamos em vésperas de receber a visita de importantes dirigentes do Escotismo estrangeiro, que poderão julgar, perante o quadro que está em risco de se lhes apresentar, que se trata de incapacidade dos portugueses para o Escotismo.

O Movimento Português tem tradições, tem sabido representar-se noutras reuniões internacionais senão com relevo, pelo menos com dignidade e cumpre-nos não deixar por mãos alheias o prestígio ganho à custa de muito esforço. Por outro lado, temos elementos competentes, se quisermos e soubermos aproveitar as aptidões de cada um, e se todos nos dispusermos a colocar ao serviço da Causa as nossas próprias faculdades.

(Conclui na 2.ª página)

Protestamos

Erguem-se por todo o Portugal Continental e Ultramarino protestos justos e indignados perante as infelizes declarações do Primeiro-Ministro da Índia, no Congresso do seu país. Juntemos também a afirmação da nossa repulsa pelo espírito imperialista que o Presidente da Nova Índia revela. É que Goa é território português, monumento de justiça à obra colonizadora de um povo que rasgou os mares levando a luz da civilização a todos os continentes.

Português é igualmente o povo de Goa, não precisa de ser libertado e não quer sujeitar-se ao domínio de um povo estranho, com cultura, costumes e tradição diferentes. Por isso nós, escoteiros, que vivemos à margem da política, num caso de justiça e em defesa do Direito, queremos também apresentar o nosso protesto veemente, e afirmar a mais viva simpatia pelos nossos compatriotas goenses.

O Escoteiro está sempre alegre...

«Deploramos sinceramente quantos se recusam a abrir os olhos para verem o que é digno de ser amado, compreendido e admirado. Há por esse Mundo fora, milhares de penitentes das suas manias que bradam, em voz alta:

— «Tudo é cinza e pó! a vida é um logro e uma ilusão».

Não admitem mesmo o piedoso raio de sol que sorria a Dostoiewski, na «Casa dos Mortos».

Ainda há pouco um jovem, sumido na sua negra melancolia, nos oferecia os seus versos, em que não palpita mais que luto e desolação, dizendo-nos:

— «Ando só como um proscrito e sou vítima de todas as doenças imaginárias que torturam a minha geração».

Ter vinte anos e não ter alegria nem entusiasmo eis o crime da mocidade, pelo menos de certa mocida-

(Conclui na 2.ª página)

DOIS ACONTECIMENTOS IMPORTANTES PARA O ESCOTISMO PORTUGUÊS

O sábado último, dia 11, deve ter marcado uma data histórica para o Escotismo Português. Reuniram em Assembleia Geral os elementos recenseados para a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, na nova e excelente sala do Ateneu Comercial de Lisboa. Não compareceu um grande número de Antigos Escoteiros, mas a qualidade, o entusiasmo e o interesse dos presentes superou em muito a quantidade.

Como prova do muito interesse que o assunto merece, o Regulamento da Fraternal sofreu discussão de alguns pontos, e após, algumas ligeiras rectificações ao projecto apresentado pela Comissão Organizadora, foi aprovado, tendo sido votada a integração da Fraternal na A. E. P. e louvada a Comissão Organizadora pelo seu trabalho.

Procedeu-se à eleição dos Corpos Gerentes da Fraternal que ficaram assim constituídos:

PRESIDÊNCIA = PRESIDENTE—*Comandante Álvaro de Melo Machado;* VICE-PRESIDENTE—*Rev. Eduardo Moreira;* VICE-PRESIDENTE—*Francisco Cortez Pinto;* 1.º SECRETÁRIO—*Dr. Leopoldo de Figueiredo;* 2.º SECRETÁRIO—*Prof. Dr. Délio Nobre Santos.*

DIRECÇÃO = PRESIDENTE—*Dr. Alfredo Tovar de Lemos;* VICE-PRESIDENTE—*Major Joaquim Duarte Borrego;* 1.º SECRETÁRIO—*António Manuel Ribeiro;* 2.º SECRETÁRIO—*Gastão de Moura Florêncio;* TESOUREIRO—*Sérgio Conde Ribeiro;* 1.º VOGAL—*Antero Nobre;* 2.º VOGAL—*Dr. Luís Teixeira.*

CONSELHO FISCAL = PRESIDENTE—*Albano da Silva;* SECRETÁRIO—*Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior;* RELATOR—*Ernâni Roque.*

E assim nasceu a Fraternal em que todos depositam as maiores e fundamentadas esperanças.

* * *

Na mesma reunião foi revelado que tendo a Direcção da A. E. P. apresentado um pedido de demissão ao Sr. Presidente da mesma, este tinha já escolhido os elementos que vão constituir a nova Direcção, que devem tomar posse dentro de dias, e que são os Srs.:

Luís Grau Tovar de Lemos, CHEFE GERAL E PRESIDENTE INTERINO; *Dr. Baltasar Rebelo de Sousa,* SECRETÁRIO GERAL; *Eng.º José Maria Nobre Santos,* SECRETÁRIO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS; *Eduardo Ribeiro,* TESOUREIRO GERAL.

LIVRARIA

A Secção de Livraria do «*Sempre Pronto*» está habilitada a satisfazer encomendas de livros de doutrina e técnica escotistas, edições portuguesas, francesas e suiças. Para comodidade dos nossos assinantes da província podemos também fornecer quaisquer edições portuguesas, bem como obras de interesse cultural, de Educação, Atlas ilustrados de história natural, de Entomologia, de Contabilidade, etc., de edição francesa. Os pedidos devem ser feitos à nossa Administração acompanhados do valor da encomenda acrescido da da despesa com porte postal.

* * *

Le Manuel de l'Éclaireur com 370 ilustrações e 12 quadros a cores..... 75$00
À L'Échelle, R. por Ledoux Manual de Topografia Amador..... 15$00
Tresses et Nœuds Décoratifs, por R. Ledoux. Ilustrado com 150 gravuras, 100 págs..... 15$00
Nœuds et Passarelles, por René Morley. Ilustrado com 271 gravuras, 120 págs..... 15$00
Les Ponts, por René Morley. Ilustado, com 130 págs..... 15$00
Qui Vive, por J. O. Grandjouan, 200 jogos de observação. ... 18$00
Camps de louveteaux. E. U. F. Ilustrado..... 7$50
Histoire du Scoutisme, pelo Dr. Henri Van Effenterre. Um interessante estudo do desenvolvimento do Escotismo no Mundo..... 10$00
La route du succès, de B. P..... 25$00
Franchis l'obstacle, de B. P..... 22$00
Éclaireurs, 13.ª edição, de B. P. 25$00
Le livre des Éclaireuses de B. P. 25$00
Le livre des Louveteaux, de B. P. 25$00
Pour devenir un homme, de B. P. 22$00
Aventures africaines, de B. P... 22$00
Jeux d'Éclaireurs, de B. P..... 22$00
Les mille et une activités de l'Éclaireur, de B. P..... 22$00
Les portes s'ouvrent, de Lady Baden-Powell..... 25$00
Zig, Zag, Zoug, por Demole. Colectânea de jogos, ilustrado.. 23$00
Manuel du Chef de patrouille, por W. Hillcourt. Ilustrado . 25$00
Baden-Powell, por E. E. Reynolds. Biografia Oficial. Ilustrado.. 33$00

E muitas obras escotistas em francês

Guia do Escoteiro, por Velho Lobo Edição brasileira. O mais completo manual escotista publicado em português..... 20$00

PELO CORREIO ACRESCE O PORTE

PREÇOS SEM COMPROMISSO

A COOPERAÇÃO, CAMINHO DO ÊXITO

(Conclusão da 1.ª página)

No momento presente só a Cooperação, congregando o esforço dos Escoteiros de todos os escalões, poderá resolver a crise aguda do Movimento. Não depositemos demasiada esperança naqueles que possam vir a ser chamados à orientar um trabalho urgente de recuperação e orientação superior do Escotismo. Se lhes faltar o apoio dos Escoteiros, sòzinhos não poderão solucionar o problema. A tais cumprirá, sobretudo, proporcionar o ambiente em que a Cooperação se pode exercer e abrir o caminho — o único caminho — que pode conduzir ao êxito.

Congreguemo-nos pois, unamos as mãos, e forcemos a Cooperação a conquistar mais uma Vitória.

O ESCOTISMO JÚNIOR

Horário das reuniões

O facto do Escotismo ser um movimento educativo que visa a formação cívica e moral do rapaz, obriga a que todas as suas actividades sejam planeadas com o maior método e ordem. Se assim não acontecer a finalidade educativa será sèriamente prejudicada e, até mesmo, os resultados poderão ser negativos.

Não é, pois, indiferente o horário das reuniões, que deve ser estabelecido criteriosamente.

Normalmente os Grupos têm reunião duas vezes por semana. Uma das reuniões é de patrulhas e o Chefe deve estimular esta actividade, deixando os escoteiros trabalhar de sua própria iniciativa e de tal maneira que se sintam independentes para resolver e agir. Mal andam os Chefes que, nas reuniões de patrulha, substituem uma vigilância necessária, mas discreta, por uma intromissão directa nos trabalhos, tudo subordinando à sua vontade, tirando aos rapazes o estímulo que representa a sua independência, mesmo condicionada.

A outra reunião é a de Grupo. Habitualmente realizam-se ambas de noite. O seu horário depende da situação da sede. Se é numa localidade da província, a reunião pode, talvez, principiar mais cedo, mas em Lisboa ou Porto será difícil que comece antes das 8,30 ou 9 horas da noite. Porém, na hora de iniciar não reside o ponto grave da questão, mas sim na hora de terminar. Por uma questão de princípio o escoteiro júnior não deve entrar em sua casa depois das 11 horas da noite. O Chefe deverá ter o maior cuidado neste assunto, porque, de contrário, não só estimulará maus hábitos, como provocará o aborrecimento dos pais que, na generalidade e com razão, não gostam que os seus filhos entrem em casa tarde.

Outro princípio a observar rigorosamente é que as reuniões comecem e terminem pontualmente a uma hora certa, bem conhecida dos escoteiros e dos seus pais. Para isso o Chefe tem de impor a si próprio uma pontualidade fiel, compare-

O Escoteiro está sempre alegre...

(Conclusão da 1.ª página)

de. Precisamente, porque a nossa época é áspera e enigmática, os novos têm obrigação de ser fortes, crentes no valor do seu espírito. Descrer, definfiar e soluçar a litania do Nada o mesmo é que enterrar no deserto os corações frágeis e os pálidos suspiros».

Do *"Diário de Lisboa"*

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

MÉXICO

Escola de Chefes-Aquelás

De 28 de Outubro último a 2 de Novembro último, efectuou-se em Tepomaxtle o primeiro Curso de Insígnia de Madeira de toda a América Latina. Foi dirigido por Ernesto F. Mills, Comissário Executivo do Treino da Secretaria Central dos Escoteiros do Canadá, e teve como colaboradores o Eng.º Jorge Nuñez, Henry Robinson, Comissário de Lobitos do México; Beatriz Braniff. Salvador Fernandez, activo Comissário Itinerante para a América Latina, colaborou neste Curso, no qual tomaram parte 77 Chefes, entre os quais seis senhoras, quatro dirigentes da Guatemala e dois de Cuba.

cendo na sede **antes** da reunião principiar. Assim os pais saberão a hora a que os seus filhos devem sair e entrar em casa, ficando descansados por saberem onde se encontram.

Quando, por motivo imperioso, a reunião termine depois da hora marcada, os escoteiros deverão ser portadores de um pedido de desculpa do Chefe, tendo o cuidado de anotar à hora da saída da sede.

* * *

Por vezes, alguns Grupos têm o hábito — mau hábito, segundo nos parece — de efectuar uma das reuniões ao Domingo de manhã. Ora aos Domingos não são de recomendar as reuniões de Sede, mas sòmente as actividades de campo, para as quais não temos melhor dia.

Se o Grupo é confessional, o Domingo de manhã é a oportunidade dos escoteiros assistirem, mesmo fardados, aos serviços religiosos da sua Igreja. Alguma actividade que se efectue ao Domingo deve ser feita de tarde.

Se o Grupo é justa-confessional — isto é, tem escoteiros de todas as confissões religiosas — o Chefe tem obrigação de velar pelo cumprimento dos deveres religiosos dos seus escoteiros. Se efectua regularmente ao Domingo de manhã reunião na Sede, falta ao cumprimento desse mesmo dever, com prejuízo da educação religiosa dos escoteiros, porque os afasta das suas respectivas igrejas.

Ao Domingo de tarde são de recomendar as excursões e visitas de estudo. Especialmente no estudo e observação da natureza — diz-nos Baden-Powell — há verdadeiras lições, lições de crença e fé. Podem estas excursões, portanto, constituir útil prolongamento da actividade religiosa.

E. R.



Conselhos do livro ao leitor

Segue com atenção todos os meus conselhos, porque eles te ensinarão muitas coisas que talvez desconheças.

Não me abras por simples curiosidade.

Nunca humedeças os dedos para voltar as minhas folhas.

Não tussas nem espirres para cima das minhas páginas.

Não me manuseies senão com as mãos limpas.

Pensa que ainda nos podemos tornar a encontrar e tu, certamente, sentirias desagrado em me ver surrado, sujo ou rasgado. Assim procura conservar-me o mais limpo possível; em troca pagar-te-ei a tua grande estima e consideração, ajudando-te a ser feliz e a proporcionar-te algumas das melhores armas para a luta pela vida.

Não faças, por razão alguma, qualquer sinal nas minhas páginas; nem com a pena nem com o lápis.

Ao meu lado, quando me estiveres a ler, coloca sempre um caderno de apontamentos onde registarás todas as anotações que achares por bem nas minhas páginas.

Tem o máximo cuidado comigo, nunca me suspendendo por alguma das minhas capas.

Quando me colocares sobre a mesa para me leres, não ponhas em apoio os cotovelos ou os braços.

Nunca leias deitado com a cabeça na almofada. Essas posições são prejudiciais aos teus sensíveis órgãos visuais.

Nunca me deixes aberto nem com as páginas em contacto com a mesa ou com a estante.

Não coloques nunca entre as minhas folhas uma caneta, um lápis ou qualquer outro objecto mais grosso do que uma folha de papel.

Quando acabares a leitura e tiveres receio de não te lembrares da página, não a dobres nem lhe vinques os ângulos; emprega como marca um rectângulo ou uma tira de papel, que são sinais inofensivos.

Se me receberes de uma biblioteca circulante, pensa que não me deves reter mais do que o tempo estritamente necessário, pois outros leitores pedem a minha companhia e o meu conselho.

Se me comprares não me ocultes, como o avaro oculta o seu tesouro.

Dá-me ou empresta-me aos que que não me conheçam ou não me possam adquirir.

Vulgariza o que de bom encontrares nas minhas páginas.

Lembra-te que sou um teu mestre que te instruí, sem palavras ásperas e sem cólera.

Se me interrogares, nada do que saiba te ocultarei e, ainda que me desconheças, não me queixarei.

Lê-me devagar e relê-me sempre de lápis em punho.

Discute comigo, procurando pôr-te ao meu nível mental sem que o teu espírito esteja obsecado ou desconfiado por sistema e sobretudo raciocina para averiguar a verdade, não para triunfar sobre mim ou sobre os que te combatem, nem para que te regozijes ao encontrar os meus erros e defeitos.

Nas tuas habituais visitas às vitrinas das livrarias, podes alguma vez mostrar desejo de saber quem é o meu autor, porque ainda não tem fama; não me deprecies. Compra-me e lê-me.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Visitas — Em Fevereiro último deram-nos o prazer da sua visita os nossos estimados amigos Srs. João Messias Godinho, nosso dedicado correspondente no Entroncamento; Arnaldo Eduardo Couto e sua Esposa, de Gaia; e José Manuel Pereira, nosso digno correspondente em Vila Real de Santo António, visitas que nos foram muito agradáveis e sinceramente agradecemos.

Pena foi que a visita a Lisboa do nosso amigo João Messias Godinho fosse motivada por doença de sua Esposa, por cujas melhoras formulamos votos sinceros. Igualmente o nosso camarada José Manuel Pereira veio a Lisboa consultar um especialista médico, desejando que esta consulta tenha sido muito útil para um completo restabelecimento da sua saúde.

De luto — Pelo falecimento de seu irmão, Sr. António Augusto de Lima e Santos, lamentàvelmente ocorrido em 26 de Fevereiro último, encontra-se de luto o nosso estimado assinante Sr. Vítor Manuel de Lima e Santos, digno Secretário das Relações Internacionais do C. N. E., a quem apresentamos sentidas condolências.

PUBLICAÇÕES

Sweden a land of Sport

Suécia, uma terra de desporto é o título de um formoso álbum onde através de boas gravuras passam pelos nossos olhos quadros maravilhosos de actividade desportiva dessa simpática nação nórdica, onde a educação física é cultivada com devoção.

Desde o desporto «Orientação», a que nos referimos no n.º 46 do «S. P.», até aos desportos da neve, tudo ali aparece documentado em quadros sugestivos de boa fotografia.

Esta obra de primorosa organização é editada pela Federação Sueca de Desportos. Muito gratos pelo exemplar oferecido.

O BOM ENTENDIMENTO UNIVERSAL

Nada pode contribuir tanto para garantir a paz mundial como o entendimento claro e nobre entre as nações. Nada mais eficaz para que as nações se entendam, que o mútuo conhecimento das suas particulares características físicas, económicas e políticas. E isto só é possível conseguir pela amizade pessoal, directa ou indirecta, de uns homens com outros por cima de todas as fronteiras.

Quer dizer, se todos os homens da terra fossem membros activos do Escotismo, ou pelo menos uma notável maioria deles tivesse sido educada num sistema de boa vontade similar ao do nosso Movimento, os conflitos armados seriam só uma desagradável recordação nas mentes humanas. Qualquer problema internacional seria abordado amigàvelmente, com o mesmo espírito que reina num «Jamboree», num« Rover-Moot» ou numa Conferência Internacional Escoteira.

Naturalmente, digo isto como um exemplo, já que, infelizmente para a Humanidade, os homens não se decidiram ainda, e é possível que o não cheguem a fazer, a deixar de lado as baixas paixões e adoptar para as suas vidas uma ética tão sã como a pregada por Cristo, ou a aplicada pelo Escotismo; quer dizer uma ética baseada no amor.

Contudo, o pensar que a humanidade não se decidirá nunca a seguir o bom caminho da paz e boa vizinhança, não desculpa a nós, Escoteiros, de fazer quanto esteja em nossas mãos para conseguir que o desaparecimento desse «nunca» seja cada vez mais possível.

O entendimento universal é um labor predilecto do Escotismo e a mais alta aspiração do nosso ilustre fundador, Baden-Powell, que nunca se esqueceu desse belo objectivo. É rara a mensagem de B.-P. dirigida aos Escoteiros de todo o mundo, em que não encontremos o incitamento à concórdia, à paz, ao fomento das relações amistosas internacionais, a que façamos o possível por deixar este mundo um pouco melhor do que o encontrámos ao nascer.

Além disso, fazendo parte da própria essência do Escotismo, porque é nossa norma de vida, nossa declaração de fé ante a Humanidade, encontramo-nos perante a categórica afirmação da Lei do Escoteiro: «O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros» (1). E a Lei do Escoteiro é o Código de Honra que todos prometemos, livremente e por decisão própria, cumprir em todo o momento.

Nessa afirmação de amizade, semelhante ão «amarás o próximo como a ti mesmo», está a beleza que caracteriza o nosso Movimento e que nos diferencia daqueles que levantam bandeiras sectárias, proclamando a sua inimizade a todo aquele que não pense como eles.

Estou firmemente convencido de que o Escotismo é algo mais do que vestir um bonito fardamento em dias de festa e saír a passar um bocado agradável no campo. Certamente, isso faz parte do sistema escotista, porém só como caminho para alcançar os mais altos ideais morais, para chegar a penetrar no rapaz a fim de que seja fácil formar o seu espírito de maneira tal, que a Lei do Escoteiro constitua a forma de ser peculiar da sua vida.

Daí que não podemos perder nunca de vista os grandes objectivos do Escotismo, e este do bom entendimento universal é um dos principais.

Temos de estimular os Escoteiros a que entabolem relações por correspondência com os Escoteiros de países estrangeiros, temos de favorecer os contactos pessoais com cidadãos de outras nações, na nossa Pátria ou na sua. Temos que atear nos seus peitos o fogo sagrado do amor pátrio, porém, fazer compreender ao mesmo tempo que os outros homens também têm a sua própria Pátria, e o dever de a amar da mesma forma que nós amamos a nossa.

Há que actuar de tal maneira que seja possível, em qualquer parte do mundo entre homens amantes das suas respectivas bandeiras, ocorrer o que recentemente me sucedeu a mim nas ruas de Madrid; falar serenamente com um português sobre a Batalha de Aljubarrota em que as hostes castelhanas foram derrotadas, e ouvir as palavras de admiração de um Sénior francês ante uma lápida que recorda o gesto heróico do levantamento espanhol de 2 de Maio de 1808 contra Napoleão.

Um português, um francês e um espanhol; três homens profundamente patriotas — não patrioteiros — que, por terem sido educados no Escotismo, demonstram, sem o propor, que o entendimento universal é possível.

Madrid, Novembro de 1949.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

1) *A versão portuguesa deste artigo da Lei do Escoteiro é:* «O Escoteiro é cortês e leal; todos os escoteiros são seus irmãos».

Conversando com os guias de patrulha

UMA PATRULHA...

...parece-se muito com um comboio. Se a locomotiva avança, todo o comboio anda; se a locomotiva pára, todo o comboio estaciona; se deixa a via, todo o comboio pode descarrilar.

Vós, guias de patrulha, sois a locomotiva à frente do «comboio» da vossa patrulha. Se fordes à frente, os vossos rapazes seguir-vos-ão; se parais, eles pararão também; se vos deixais deslizar para fora da «via», por preguiça, negligência, indiferença ou outro qualquer motivo, podereis fazer «descarrilar» toda a patrulha.

.....

Comparámos uma patrulha com um comboio. É claro que um comboio que, partindo para qualquer parte, não tenha destino nem horário, será inútil. Só uma patrulha activa, uma patrulha que tenha muitas «coisas para fazer» e um horário determinado para efectuá-las, que tenha fins e intenções definidas, é uma patrulha que vive.

É este o trabalho do guia,—e é mesmo um trabalho interessante e estimulador,—fazer com que a patrulha seja de facto viva nestas coisas. O guia combina as reuniões e os programas, concebe as boas-acções e os projectos a executar, procura de todas as maneiras conservar o interesse dos seus rapazes quanto ao Escotismo e de os fazer progredir, para que atinjam um objectivo, façam qualquer coisa, tenham algum valor pessoal.

W. HILLCOURT
"O Manual do Guia de Patrulha"

DE SETÚBAL

GRUPO N.º 40

Visita—Em 22 de Janeiro deu-nos o prazer de sua visita, acompanhado de seu filho, o Sr. Tenente Carlos Cascais, Chefe do Grupo 33, de Leiria.

Bivaque—Para prestação de provas de aptidão e de 2.ª classe, este Grupo efectuou um bivaque em 29 de Janeiro p. p., perto do Castelo de S. Filipe.

Visita da marinha britânica—Os marinheiros de 2 barcos da flotilha da armada britânica que visitaram Setúbal, prestaram, em 19 de Fevereiro, homenagem aos mortos da Grande Guerra, colocando um ramo de flores no monumento. Este Grupo compareceu na cerimónia com o seu estandarte.

Falecimento

Em 15 de Fevereiro p. p., faleceu a Sr.ª D. Maria Joaquina de Oliveira, dirigente lobito do C. N. E., Esposa dedicada do nosso estimado assinante Sr. Francisco dos Santos Oliveira, Chefe Regional e Secretário da Junta local da mesma Associação Irmã. O funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar, em que o «*Sempre Pronto*» se fez representar pelo seu correspondente em Setúbal, Sr. Manuel Marques Serrano.

Ao nosso Irmão-Escuta Sr. Francisco dos Santos Oliveira apresentamos condolências sentidas.—C.

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Insígnias de capacidade

PRÁTICO FLORESTAL

3.º — Conhecer os perigos a que, tanto as árvores como as madeiras, estão expostas.—Exemplo: fogo, neve, insectos, doenças e animais. Discutir os meios de combater estes perigos.

Irmão-escoteiro: Não é apenas na fauna que existem esses seres microscópicos que vivem à custa de outros superiores (no nosso estudo das árvores) chamados parasitas, dos quais já falámos no capítulo anterior, pois também na flora existe grande variedade de plantas que vivem do sangue (seiva) das árvores e outras plantas, provocando o consequente desgaste do elemento parasitado e produzindo-lhes enfermidades que, se se deixassem ao deus-dará, acabar-lhes-iam com a vida. Estas enfermidades provocadas pelas «Criptogâmicas», compreendemo-las no 2.º grupo e delas vamos tratar agora.

São elas provocadas por umas plantas pequeníssimas, geralmente fungos, que emitem uns filamentos chamados «micélios» por onde absorvem a seiva, frutificam em seguida e produzem gérmenes chamados «esporos» que são uma espécie de sementes diminutas que transmitem a doença.

Na maioria dos casos a infecção procede dos esporos que ao porem-se em contacto com as árvores e outras plantas germinam sob a acção combinada da humidade, do calor e do oxigénio. O filamento ou raizinha nascido do esporo comporta-se de modo diferente.

Nos fungos «epífitos», ou sejam os que vivem no exterior, este filamento ou raizinha ramifica-se à superfície dos órgãos verdes da planta e forma um enfeltrado estreitamente unido à epiderme na qual introduzem os sugadores.

Os que vivem no interior, ou sejam os «endófitos», operam contràriamente, pois o filamento ou raizinha emitido pelo esporo penetra no interior da planta atacada, através dos «estomas» ou sejam as aberturas que as folhas apresentam.

Fica pois assente que as enfermidades provocadas pelas criptogâmicas têm 2 formas de desenvolvimento: externa e interna.

As produzidas pelos fungos do 1.º grupo, ou sejam as de desenvolvimento exterior (epífitas) poderão ser combatidas com relativa facilidade procurando destruir-se, com os tratamentos adequados, as raizinhas destas plantazitas microscópicas, expostas ao contacto dos ingredientes empregados para a sua destruição.

Pelo contrário, as do 2.º grupo, ou sejam as dos fungos de desenvolvimento interno (endófitas), não poderão ser assim combatidas por se encontrarem as raizinhas no interior dos órgãos atacados e não se poder submetê-las à acção do contacto das substâncias empregadas para a sua destruição.

As enfermidades produzidas por este segundo grupo, só haverá possibilidade de as evitar estendendo sobre a superfície da planta uma substância que impeça o desenvolvimento do esporo, portanto, neste caso, os tratamentos serão preventivos e não curativos.

Os danos ocasionados podem ser variadíssimos e importantes e podem chegar, em circunstâncias em que a humidade e a temperatura são favoráveis, a constituir verdadeiras pragas que determinam a perda total dos produtos e às vezes também a morte da árvore ou planta parasitada.

Em geral, costumam atacar os órgãos verdes como sejam folhas, talos e frutos, revelando-se a existência da enfermidade por umas manchas de forma e cor às vezes características que se vão alastrando e acabam por secar e destruir os órgãos atacados. Outras vezes produzem tumores, úlceras e cancros que ao generalizar-se chegam a produzir a morte.

Os produtos empregados para combater as enfermidades provocadas pelas criptogâmicas recebem o nome de «*anticriptogâmicas*» ou «*fungicidas*» e hão-de reunir, como os insecticidas, as condições seguintes: acção activa, não serem nocivos para a árvore ou planta tratada; serem de emprego prático e económico.

No 3.º grupo, estão compreendidas as enfermidades não parasitárias.

Vivendo a planta num meio exterior, se o solo e a atmosfera sofrerem qualquer alteração física ou química, isto pode ocasionar um verdadeiro desiquilíbrio funcional ou enfermidade, cujos sintomas são às vezes bastante imprecisos e se acusam por um debilitamento, dissecação ou alteração da cor verde, etc., etc.

O solo quanto às propriedades físicas pode ser solto, compacto e impermeável, e quanto às químicas, pode ser seco ou excessivamente húmido, ter abundância ou escassez dos elementos nutritivos essenciais como nitrogénio, fósforo, potássio, ferro, cálcio, magnésio, etc., etc. Qualquer alteração destes factores, como já se disse anteriormente, traduzir-se-á num estado anormal ou enfermidade da árvore.

Também o excesso ou insuficiência da temperatura ambiente, da luz, a presença na atmosfera de gases ou produtos tóxicos, a chuva, granizo, ventos, etc., podem ocasionar acidentes diversos compreendidos neste grupo de enfermidades fisiológicas.

São já conhecidos os estragos que as geadas produzem em certas ocasiões, assim como também os ventos cálidos que chegam às vezes a produzir verdadeiras queimaduras que, por fim, acabam por constituir verdadeiras pragas, ainda que nestes casos não intervenha nenhum ser animal ou vegetal. São antes as misteriosas forças da Natureza ou os complicados processos biológicos do vegetal que rompem a harmonia e estabilidade e produzem por conseguinte a enfermidade.

O único meio de prevenir ou combater estes efeitos consiste em atenuar ou suprimir as causas que o determinam.

Finalmente falaremos das enfermidades ocasionadas pela inexperiência ou maus tratos do homem e que determinam o quarto grupo.

Têm a sua origem na escolha do terreno, bom ou mau para fazer as sementeiras, trabalhos inadequados e adubado inconveniente em relação à constituição física e química do terreno; má escolha das sementes ou estacas, segundo a espécie, boa ou má preparação do terreno ao fazer-se a plantação da àrvorezinha; a forma como esta plantação se faça (muita ou pouca profundidade da cova), falta de tutores, etc.; falta de conhecimento prático nas operações de enxerto; trabalhos deficientes no adubado ou no solo, abandono em casos de enfermidades gerais; falta de prática também nos trabalhos de poda e talho. Nesta última operação assenta a duração das madeiras. Também é um defeito pernicioso o varejado para a colheita de determinadas frutas, causa de feridas e cancros por onde se derrama seiva, sendo além disso porta aberta para qualquer infecção parasitária.

Estas e muitas outras causas, ao que parece insignificantes, determinam o estado anémico muito propício ao desenvolvimento das diversas pragas, pois, como nos seres humanos, a árvore não pode pôr em actividade as suas defesas biológicas.

Como todos estes pormenores estão compreendidos no programa da vossa insígnia de capacidade, falaremos deles em seu devido tempo.

Entretanto desejo-vos saúde e boa caça.

RAFAEL PALÁCIOS
«PICO DE AGUILA»

Tradução do Espanhol de Lídia de Medeiros.



O NATAL DO SOLDADO BARREN

Foi num natal da guerra passada, e numa frente relativamente tranquila. Naquele dia, 24 de Dezembro, o soldado Barren estava com um humor tão infernal que nem ele próprio o suportava. E tudo isto por aquele ridículo bocado de bacalhau. Bacalhau! Só o nome deste peixe provocava náuseas ao soldado Barren. Bastava-lhe isto para recordar, quando pequeno, as visitas ao médico acompanhado por seus pais, e agora... Não sabia como explicar a si próprio como teve suficiente paciência para resistir àquela distribuição de rancho, como teve paciência para deixar que o rancheiro pusesse «aquilo» no seu prato! Acreditou que o estômago lhe saísse pela boca. Que raio de dia que se lhe apresentava! Felizmente que no meio deste mar de tormentas em que se via naufragar, havia uma pequena tábua de salvação, uma luzinha de esperança, e esse madeiro a que se agarrava com todas as suas forças, era a chegada do correio. Em data tão assinalada não lhe podia faltar tudo, e pressentia que a chegada do correio traria a tranquilidade aos seus nervos exaltados e doloridos. Oh! Quando chegasse a encomenda da sua Carolina!...

Pensando nestas coisas, sentou-se num saco de terra, junto a uns lenhos que ardiam na chaminé improvisada do abrigo. Apoiou o ombro na parede terrosa e pôs-se a contemplar os troncos do tecto lenhoso onde aparecia e desaparecia a encomenda... Ouviu gritos lá fora, era o correio que tinha chegado. Saiu à desfilada e dando cotoveladas a torto e a direito conseguiu colocar-se na primeira fila do grupo que rodeava o Cabo carteiro.

O Cabo carteiro, um escocês rubicundo com uma altura respeitável, começou a gritar nomes com uma lentidão desesperadora. Era um tipo mais cabeçudo aquele carteiro! Numa das vezes, o carteiro soletrou o nome de Barren na etiqueta duma encomenda. Pobre soldado Barren! Tremiam-lhe as mãos quando a recebeu. Foi direito ao abrigo e depois de fazer duma caixa mesa, sentou-se no saco de terra, que agora lhe parecia o melhor e mais fofo dos sofás; contemplou por um momento a encomenda, e em seguida começou nervosamente a desembrulhar...

Um papel grosso, outro, outro de seda e... a caixa! A caixa com um belo laço verde! Desatou a fita, dobrou-a cuidadosamente, e pô-la de lado. Levantou a tampa, e um oh! lhe fugiu das profundidades do seu peito à vista das coisas contidas na caixa.

Começou a tirar as coisas e foi-as alinhando sobre a «mesa».

Duas garrafas de ponche, cigarrilhas, torrões de açúcar, tortas de manteiga... Era maravilhosa a sua Carolinazinha! Depois umas latas de marmelada, as clássicas peúgas de lã com umas riscas azuis magníficas e oh!... todo um mundo de maravilhas passou pelos olhos do soldado Barren. Ali, no fundo da caixa, formoso e esplêndido, havia um bacalhau. Em cima dele, um pouco húmida, a carta de Carolina com os seus característicos traços irregulares.

«Querido: agora nem sempre se pode encontrar o que se quer. Também se tem que fazer alguma economia e por outro lado, talvez já te tenhas habituado, não é verdade, meu vadiozinho?...»

Este «vadiozinho» comoveu profundamente o soldado Barren e acabou de o decidir. Suspirou, pensou na sua Carolina, e sorriu plàcidamente. Acomodou-se devagar, aproximou o copo de ponche duma das garrafas, e numa mão a navalha e na outra o bacalhau, zás, zás, plenamente feliz e com um sorriso beatífico nos lábios, comeu-o até à última espinha.

LORETO AZPEITIA Y LOPEZ DE AYALA

«ALMA AZUL»

Tradução do Espanhol de Lídia de Medeiros

• • o • •

Intercâmbio Epistolar Escotista

JOSÉ MAGALLÓN MARRÓN

Calle Blasco de Garay, 72

Madrid (Espanha)

Antigo escoteiro espanhol, deseja trocar correspondência com escoteiros da América do Sul.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ORGANIZAÇÃO DE UM CURSO DE CHEFES

O Curso tem como principal finalidade, proporcionar aos alunos-chefes os conhecimentos técnicos, pedagógicos e psicológicos, para poderem instruir, ensinar e proporcionar «ambiente» aos seus escoteiros.

Pela vida de campo e pelo conhecimento da metodologia das provas, pedagogia, organização e doutrina escoteiras, torna os Chefes mais capazes para o desempenho da sua nobre missão: educar a mocidade, pela sua capacidade e pelo seu exemplo.

Em síntese: o Chefe está para o Curso, como o escoteiro está para o Grupo, embora aquele por alguns dias, e este por anos.

No Curso, o Chefe vai «viver» de uma maneira mais intensiva, a mesma vida que o escoteiro levará no Grupo em período muito mais longo, e com um programa mais suave.

Há dois tipos de cursos: um que durará 6 meses com 312 horas de, instrução na sede e no campo; outro que durará 10 dias e 10 noites consecutivas no campo, com 240 horas de instrução. Ambos os Cursos poderão ser designados por: Geral, Fundamental ou Preliminar, pois que devem os Chefes, depois de terem realizado um destes Cursos e quando for oportuno, fazer um outro, porém, mais intensivo, por exemplo: o da Insígnia de Madeira, que será dirigido por um Comissário de Campo nomeado pelo Gilwell Park, e que obedecerá em tudo ao método aplicado por aquele campo-escola de carácter internacional.

Dentro destes dois tipos de Cursos, há também os especializados para: Aquelás de Lobitos, Chefes de Escoteiros, de Escoteiros do Mar, de Escoteiros do Ar e Mestres de Seniores. Trataremos, entretanto, aqui apenas do Curso de Chefes Escoteiros, por ser o mais importante ou de maior interesse para o nosso Movimento. Quando os Dirigentes do Escotismo Português entenderem, então poderão tratar de tais Cursos especializados.

JOÃO MÓS

(Continua no próximo número)

• • o • •

MONUMENTO AO CONDE BERNADOTTE

Por decisão das autoridades municipais de Aabenraa, Dinamarca, vai ser levantado um monumento à memória do Conde Folke Bernadotte, que tantos dinamarqueses libertou dos campos de concentração. O referido monumento será construído num local da estrada nacional n.º 10 que o tornará visível de todos os viajantes que façam o caminho entre a encruzilhada de Krusaa e a fronteira alemã. Junto ao monumento será arranjado um local para acampamento de escoteiros.

A Rádio, de braço dado com o Escotismo

Apresentámos nas colunas do nosso jornal uma interessante sugestão, segundo cremos, acerca da utilização do cinema, como o meio mais acessível de expansão orgânica do Escotismo. Esperamos que a nossa ideia seja recebida com entusiasmo, contando receber quaisquer alvítres ou censuras, para conhecermos de perto se fomos mal sucedidos ou optimistas em excesso.

Enquanto a primeira sugestão fervilha nos corações destemidos e generosos dos Escoteiros de ontem e de hoje, lançamos a segunda, não menos interessante e útil.

Trata-se de aproveitar a grande função da rádio, como elemento essencial à propaganda do Movimento Escotista.

Sendo o cinema um espectáculo que os olhos recebem para levar até ao coração, a rádio é um passatempo que os ouvidos captam, para o fazer vibrar. Ambos, descobertas valiosas ao serviço do bem-estar e da educação, quando qualquer deles são encaminhados nesses sentidos.

Com a ajuda e dedicação da Família Escotista, não seria difícil pôr de pé um programa de rádio, cheio de atractivos e de boas intenções. Elementos de valor e de vontade, são todos aqueles que fizeram o seu juramento solene de cumprir a Lei do Escoteiro.

Não percamos as primeiras oportunidades que se nos deparem. Aceitemos desde já a convicção de que somos capazes de erguer com elevação uma obra pura, baseada na formação integral que o Escoteiro recebe no decorrer da sua passagem pelo Grupo.

Por mais que se dissesse acerca desta sugestão, pouco se adiantaria. A síntese da ideia apresentada é suficiente. O resto será a continuidade de um trabalho, que deverá permanecer sempre jovem e forte em defesa de uma cultura geral dirigida a todos que tiverem a boa sorte de sintonizar o aparelho de rádio para a estação emissora, onde o programa for parar.

Oxalá muito em breve se oiça, misturada com o indicativo musical, as vozes sonoras duma equipa de locutores, anunciarem com originalidade o primeiro programa de rádio, escrito e interpretado pelos rapazes da Flor de Lis.

Como deverá chamar-se o programa? Eis uma pergunta que vos cabe responder, Escoteiros.

Para a frente, cavaleiros de S. Jorge! O dragão é o receio dos grandes empreendimentos. Vencê-lo corajosamente é a finalidade da vossa luta.

SOARES DE CAMPOS

Administração do «Sempre Pronto»

Ao oferecermos à apreciação dos nossos leitores as Contas do «*Sempre Pronto*» do ano de 1949, temos em vista o desejo de que todos os nossos colaboradores e amigos conheçam a situação financeira do jornal e possam assim avaliar a necessidade urgente de aumentar o número dos nossos assinantes. No princípio deste ano estava previsto um *deficit* superior a mil escudos. Graças à campanha para mais 200 assinantes, foi possível que esse *deficit* fosse reduzido a Esc. 270$70. Precisamos de atingir o «alvo» para não acusar novo prejuízo. No activo realizável vê-se numa verba de Esc. 547$70 referente às despesas com a organização da Fraternal, despesas de que esperamos ser reembolsados. Lamentamos também registar dois débitos duvidosos, nota que serve de protesto pela falta de respeito que dois Grupos revelam pelo nosso esforço. No Passivo merece referência o crédito do Grupo 94, referente às verbas que este Grupo adiantou para o lançamento do jornal, hoje já reduzidas por fornecimentos feitos, crédito que cobre o *deficit* total, já diminuído com o *superavit* da nossa secção «LIVRARIA», e que será liquidado à medida das nossas possibilidades e amortizado com fornecimentos.

Queremos aproveitar o ensejo para manifestar o nosso muito agradecimento aos Agentes do «*Sempre Pronto*» pela sua útil cooperação e activa contribuição para estes resultados.

O ADMINISTRADOR
a) *Capitolino Ferreira Maçedo*

Balanço em 31 de Dezembro de 1949

ACTIVO

Disponível		
Caixa	299$50	
Livraria-Caixa	572$80	872$30
Realizável		
Agências	406$50	
Livraria - Devedores	307$47	
Devedores Gerais ..	90$00	
Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal	547$70	
Devedores Duvidosos		
Grupo 4.. 255$00		
» 80. 200$00	455$00	
Edições	100$00	
Livraria	213$50	2.120$17
Situação Líquida		
Deficit de Gerências transactas. 1.259$60		
Deficit de Gerência de 1949 .. 270$70	1.530$30	
Superavit c/ Livraria de 1948/1949	520$37	1.009$93
		4.002$40

PASSIVO

Exigível		
Credores Gerais		
Ottosgráfica, L.da.	986$00	
Grupo n.º 94	1.988$00	2.974$00
Fundos		
Reserva para Devedores Duvidosos.	455$00	
Reserva para Livraria	573$40	1.028$40
		4.002$40

Lisboa, 31 de Dezembro de 1949

O ADMINISTRADOR
a) *Capitolino Ferreira Macedo*

Desenvolvimento da Conta «Gerência» de 1949

DÉBITO

Saldo de 1948		1.259$60
Edições		
Despesa		11.058$00
Expediente		
Expedição	680$80	
Correspondência .	227$50	
Impressos	363$00	1.271$30
Gastos Gerais		
Cobrança	594$80	
Imp.s/ publicidade	12$30	
Gratificações	52$50	
Passagens	1$60	
Diversos	58$00	719$20
		14.308$10

CRÉDITO

Edições		
Vendas e assinaturas.		11.684$50
Publicidade		
Anúncios		582$30
Donativos		
Diversos		511$00
		12.777$80
Deficit		
Gerência de 1949.	270$70	
Gerências transactas	1.259$60	1.530$30
		14.308$10

Lisboa, 31 de Dezembro de 1949

O ADMIMISTRADOR
a) *Capitolino Ferreira Macedo*

INQUÉRITO AOS GRUPOS DA CAPITAL

Um Grupo velho vestido de novo, o «94», assegura à juventude ajudense o melhor caminho para os rapazes da nossa terra: o Escotismo

Chegara ao Grupo n.º 94 a vez de ser ouvido. Tratava-se porém do Grupo da Casa... e para os componentes da equipa que têm tido esta tarefa, não se entrevistarem uns aos outros... entrou em acção o suplente!

E eis-nos na Ajuda, no coração dum bairro que tem fornecido para as nossas fileiras muitos dos seus filhos. Um bairro que acolheu de braços abertos a fundação do seu Grupo de escoteiros em 8 de Julho de 1934. Um bairro que continua a alimentar a sagrada chama do escotismo e que recentemente mandou para o «94» nova «remessa» de moços aspirantes.

Um Grupo que só tem conhecido dedicações, o «94» orgulha-se de possuir, ou terem passado pelo seu seio, escoteiros como Henrique Alves de Azevedo, David Baudoin, Eduardo Ribeiro, Capitolino Ferreira Macedo, Joel Ribeiro, Ernesto Leitão (hoje servindo do Exército Português na índia), Dr. Armando Pimentel (médico missionário em África), Jorge Vicente, Eduardo Rolão, Júlio Maria Reis, Armando Lopes Pires, João Boaventura, etc., etc.

E antes de entrar na entrevista, resta-nos esclarecer os nossos leitores que o Grupo da Ajuda está anexo à Igreja Evangélica Ajudense e possui sede própria há 10 anos.

* * *

Recebeu-nos o Chefe do Grupo e o Chefe dos Serviços Administrativos, respectivamente, os nossos camaradas de redacção, Capitolino Macedo e Joel Ribeiro, que nos apresentaram a Sr.ª D. Jesuína Saraiva, Chefe da Alcateia de Lobitos e o E. S. Manuel Tacão Monteiro, Sub-Chefe do Grupo e ex-Chefe do Grupo n.º 60 de Vila Real de Santo António.

E quase sem querer, havíamos iniciado a conversa que nos levava à Ajuda.

—O Grupo tem hoje o seguinte efectivo: 4 dirigentes, 6 escoteiros, 12 aspirantes juniores e 11 aspirantes lobitos—diz o nosso amigo Macedo, o que lhe valeu a nossa admiração, pelo facto de haver um número de aspirantes elevado, em relação aos escoteiros.

Estava iniciada a entrevista e o nosso Administrador esclarece:

—O «94» acompanhou a crise que ataca o Escotismo Nacional e viu-se no ano passado quase inactivo, não obstante ter sido dos Grupos mais activos da Região. Organizámos então uma festa para a garotada do bairro que encheu a nossa sede totalmente. E foi daqui que saíram todos estes aspirantes.

E prossegue:—Com eles reformámos os quadros do Grupo e logo que prestem o Compromisso teremos no activo as patrulhas «Águia» e «Cão» e os Bandos «Azul» e «Branco», estes na Divisão Lobito.

Congratulámo-nos com o facto e inquirimos:

—E quanto a finanças?

Respondeu-nos o respectivo «ministro», o nosso redactor principal, Joel Ribeiro.

—A situação financeira do Grupo está, pràticamente, assegurada.

A esta afirmação o Chefe Macedo, acrescentou:

—Sucede até que o meu Grupo constitui actualmente o Departamento Escotista da Sociedade Juvenil «Renascença Cristã» que possui além desta, outras actividades como: aulas comerciais, jogos, biblioteca, actividades culturais, etc. É claro que esta circunstância assegura-nos uma maior estabilidade material.

E depois de anotarmos que qualquer escoteiro do Grupo se pode utilizar das actividades enumeradas, voltámo-nos para outro assunto:

—Conta-me cá, no ano passado acamparam muito?

—Bem vês, como já te disse, o Grupo esteve pràticamente parado... mesmo assim, não deixámos de comparecer aos acampamentos para que fomos convidados, num número de três.

—Mas agora há muita animação...

—Como vês...

—Então a respeito do programa para este ano?

—Além de 2 bivaques, uma visita de estudo e a colaboração prestada às suas festas da Sociedade Juvenil, já organizadas este ano, vamos dedicar especial atenção às festas do nosso aniversário; vamos realizar obras na sede, nas quais contamos gastar para cima de 2 contos, e isto com valiosas e expontâneas ofertas, como por exemplo o estafe para o tecto e uma viga de ferro; contamos acampar quinzenalmente; e vamos fardar todos os rapazes...

—É verdade. E vais ver como: temos organizada no Grupo uma Caixa Económica Escotista, na qual os escoteiros guardam os seus «pés de meia». Esse dinheiro só pode ser levantado por eles quando se destinar ao pagamento das despesas ocasionadas com a prática do escotismo, como por exemplo, transportes para acampamentos, compra de material ou da farda, etc. De contrário, só com autorização dos pais.

—E tens esperança nas qualidades escotistas dos teus rapazes?

—Se tenho! E a propósito, peço-te que expresses no nosso «*Sempre Pronto*» a minha satisfação pela ajuda que todos os escoteiros do «94» dão ao nosso jornal, sempre que de tal necessitamos.

E com a certeza que o Grupo 94 vai em breve voltar a ser um dos mais importantes de Lisboa, voltámo-nos para a D. Jesuína Saraiva.

—Então que me diz V. Ex.ª sobre a sua trabalhosa tarefa no movimento escotista?

—Digo-lhe que a não acho tão trabalhosa como parece. Desempenho-a por sacerdócio. Só me sinto bem no meio dos pequenos. Parece até que já me pertencem um pouco...

—Então já trabalha com eles há muito...

—Não, sòmente há um mês...

—E quais as actividades em que os tem ocupado?

—Na sede, às quartas e sábados, os necessários ensinamentos, jogos próprios da idade, etc. De resto, têm acompanhado o Grupo para os bivaques efectuados aqui perto.

—E V. Ex.ª nota algo de proveitoso com o sistema seguido?

—Imenso. Alguns deles estão muito mais sossegados, em geral atendem muito bem quanto lhes digo, em suma só me encontro satisfeita!

E nós também, primeiro por vermos à frente destes garotinhos uma senhora que ama a missão difícil de educar os filhos dos outros, e segundo, por vermos tentar o ressurgimento da interessante Divisão Lobito, que tão arredada tem estado dos Grupos de escoteiros.

E dirigimo-nos para os escoteiros, entretidos com o Sub-Chefe a ensaiar as canções escotistas. Chamámos de parte o guia da patrulha «Cão», o escoteiro Fernando Amílcar Silveira que nos informa ser a sua patrulha constituída totalmente por aspirantes. No entanto está satisfeito com o desenvolvimento que nota neles e espera que todos se tornem bons escoteiros.

—Já saímos 4 ou 5 vezes, mas eles necessitam de muito contacto com o campo.

—Tencionas fazer alguma actividade especial?

—Sim, senhor, a minha patrulha vai fazer festas para comprar fardamentos.

Passámos então para a patrulha «Águia», cujo guia por estar doente não compareceu. Falámos com o futuro sub-guia, o escoteiro José Eduardo Pena Ribeiro, de 11 anos, filho do nosso «patrão» cá do jornal.

—Então que é que a tua patrulha está fazendo actualmente?

—Estamos a organizar o material porque estava todo abandonado pelas gavetas... e estamos também a consertar as gavetas que estavam todas escavacadas...

— E mais?

—Estamos todos a tirar as provas da 3.ª classe e tencionamos ir muito para o campo. assim que deixar de chover...

—Diz-me cá: gostas do «*Sempre Pronto*»?

—Ah, eu gosto!

—Bem, mas independentemente de seres o filho do meu «casaca»...

—Sim, senhor, gostamos bastante. E tanto assim que os rapazes compram-no... e eu, em nome deles, até o saúdo!

E pronto. Estava ouvido mais um Grupo.

Saímos, certos de que o rejuvenescimento do «94» vai fazer dele um bom Grupo, já porque os seus dirigentes são escoteiros com provas dadas, já porque os rapazes, pelo que vimos, estão animadíssimos.

Que isso se dê depressa, a bem do Escotismo e para prestígio de quem tem sabido, durante tantos anos, levar a cabo a tarefa dura de manter um Grupo de Escoteiros na nossa terra.

CARLOS FERNANDO GARCIA

Minha barraca velhinha

Minha barraca velhinha
tão branquinha, tão fininha,
que eu tive de te cerzir.
Barraca que eu tanto amava,
onde o luar penetrava
não me deixando dormir.

Nesse Algarve inebriante,
nos dias de sol 'scaldante
quando o calor apertava,
tinha de te abandonar,
uma sombra procurar,
porque senão sufocava.

Se em vez de calor, chovia,
era certo, já sabia
o que ia acontecer:
Acabado o temporal,
dentro de ti p'ra meu mal
ainda estava a chover.

Tantas, tantas aventuras,
alegrias e torturas,
e que vida acidentada!...
hoje não vai acampar,
tão velhinha, deve estar
no «Sessenta» bem guardada.

Minha barraca velhinha,
tão branquinha, tão fininha
que eu tive de te cerzir.
Oh! como eu sinto saudade
das noites de claridade,
mesmo sem poder dormir...

MANUEL TACÃO

O "SEMPRE PRONTO,,

Vende-se em Lisboa na

TABACARIA BOA HORA

Rua Nova do Almada, 46

LISBOA